



Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LUCIANA BORGES SANTOS

**LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MOBILIZADAS PELAS**  
**PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**

**AMARGOSA-BA**  
**2021**

LUCIANA BORGES SANTOS

**LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MOBILIZADAS PELAS  
PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade

**AMARGOSA-BA  
2021**

**LUCIANA BORGES SANTOS**

**LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS MOBILIZADAS PELAS PROFESSORAS  
ALFABETIZADORAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em 30/09/2021

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Eurácia B. de Andrade*

**PROF<sup>a</sup> MARIA EURÁCIA BARRETO DE ANDRADE - ORIENTADORA**  
Doutora em Educação (UFRB)

*Gilseleia Macedo Cardoso Freitas*

**PROF<sup>a</sup> GILSELIA MACEDO CARDOSO FREITAS - AVALIADORA 1**  
Doutora em Educação (UFRB)

*Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira*

**SIRLANDIA REIS DE OLIVEIRA TEIXEIRA - AVALIADORA 2**  
Doutora em Educação (UFRB)

**AMARGOSA-BA  
30/09/2021**

*Dedico esse trabalho de forma especial às pessoas que foram fundamentais para que eu conseguisse concluir essa etapa em minha vida. Meu pai Edson e minha mãe Nane (como ela gosta de ser chamada), aos meus irmãos Leilane e Luan, que sempre me apoiaram na realização dos meus sonhos. E a minha querida orientadora a prof<sup>a</sup> Maria Eurácia Barreto, por ter acreditado em meu potencial, e ter contribuído com a orientação desse trabalho, sempre muito atenciosa.*

## **AGRADECIMENTOS**

“Bendize, ó minha alma, ao senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios” (salmos, 103 v2). Em primeiro lugar, minha eterna gratidão a meu Deus por ter me permitido chegar até aqui, a ele a honra e a glória. Sou grata a Deus pelos livramentos concedidos durante toda a trajetória de Mutuípe/Amargosa, e por ter cuidado de cada detalhe. A meus Painho e Mainha, que são minha base, meu alicerce e que sempre me apoiaram nas horas mais difíceis da minha vida e me incentivaram a estudar mesmo em meio a tantas dificuldades e superar os desafios. Aos meus irmãos Leilane e Luan que sempre estiveram ao meu lado me apoiando durante todo esse período. Aos meus tios Neide e Divaldo, que abriram as portas da sua casa para eu ficar durante essa jornada, sempre me incentivando a estudar. Às minhas amigas que a UFRB me deu, Edilma, Rene e Liliam que sabiam da minha dificuldade e sempre estavam ao meu lado me apoiando. À minha linda orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eurácia, gratidão.

**SANTOS, Luciana Borges. Letramento e alfabetização: concepções e práticas pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras. 2021. 55fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargos/BA,2021.**

## **RESUMO**

A presente monografia se constitui como resultado de uma pesquisa que estabeleceu como objetivo central de investigação compreender as diferenças, semelhanças entre alfabetização e letramento, apresentadas por professoras alfabetizadoras e as práticas mobilizadas por elas no processo de aquisição da leitura e escrita. As teorias priorizadas neste trabalho estão pautadas nos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), Frade (2005), Magda Soares (2006), Luiz Carlos Cagliari (1999) e Maria do Rosário Morttati (2006), dentre outros que contribuíram para melhor compreender a temática em pauta. A abordagem metodológica é de natureza qualitativa, pautada na pesquisa de campo, tendo como instrumento de produção de dados a entrevista semiestruturada, pois levando em conta que esta pesquisa está alicerçada nas discussões sobre Letramento e Alfabetização com foco nas concepções e práticas pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras, não poderíamos desenvolvê-la sem ouvir estas professoras e saber de suas vivências e experiências no campo da alfabetização. Diante de todo processo investigativo realizado, os resultados apontam para a necessidade de um embasamento teórico maior por parte das professoras alfabetizadoras, para renovação das práticas, ampliação de repertório e ao mesmo tempo, um apoio por parte da gestão educacional para englobar ações educativas que promovam auxílio nesse processo amplo, que envolve não somente aspectos concretos, mas também aspectos intrínsecos da aprendizagem educativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento. Alfabetização. Práticas Educativas.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Caracterização do perfil das professoras alfabetizadoras da cidade de Mutuípe (amostragem) .....	31
<b>Quadro 2:</b> Dados sobre a docência alfabetizadora das colaboradoras .....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL</b> .....	12
1.1. COMPREENDENDO A ALFABETIZAÇÃO AO LONGO DOS TEMPOS: DA HISTÓRIA AOS PROCESSOS .....	12
1.2. COMPREENDENDO O LETRAMENTO: DO CONCEITUAL AO METODOLÓGICO .....	17
<b>2- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CRUZAMENTOS E APROXIMAÇÕES</b> .....	22
2.1 LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E SUA ARTICULAÇÃO COM OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA .....	22
2.2 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO .....	25
<b>3. CAMINHOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA</b> .....	30
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E SUJEITOS DE PESQUISA .....	30
3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA DE PESQUISA .....	34
3.3 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS .....	35
<b>4. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DAS CONCEPÇÕES ÀS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS</b> .....	37
4.1- CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS .....	37
4.2- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRIORIZADAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>APÊNDICE A</b>	
<b>APÊNDICE B</b>	
<b>APÊNDICE C</b>	
<b>APÊNDICE D</b>	

## INTRODUÇÃO

Esta monografia faz parte do processo final de conclusão da formação acadêmica, exigida como requisito parcial para o curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e tem como temática: Letramento e Alfabetização: concepções e práticas pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras. Esse tema surgiu a partir do seguinte questionamento: quais diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento apresentadas por professoras alfabetizadoras, e quais práticas são mobilizadas por elas no movimento de aquisição da leitura e escrita?

A mobilização para este estudo surgiu da necessidade de aprofundar os conhecimentos a respeito do letramento no processo de alfabetização infantil e sua aplicabilidade no contexto diário das instituições escolares. Desta forma, através de inquietações pessoais, tais como: a minha própria dificuldade nesse processo enquanto criança, a percepção de existir um grande número de crianças que passam pelos mesmos problemas e a insistência de professores em repetirem as mesmas metodologias mecanizadas de 30 anos atrás, me estimularam no aprofundamento do tema. É fato que existem muitas dificuldades nesse processo sejam elas didáticas ou contextuais, mas de qualquer forma, constitui-se uma grande defasagem no processo de aquisição da leitura e da língua escrita, e, diversos são os fatores que contribuem para esta realidade.

Assim, o objetivo geral que mobiliza esta pesquisa está pautado em compreender as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento apresentadas por professoras alfabetizadoras e as práticas mobilizadas por elas no processo de aquisição da leitura e escrita.

Após destacar o objetivo geral de pesquisa, os objetivos específicos propostos foram delimitados em: compreender os conceitos de alfabetização e letramento, suas semelhanças e diferenças no campo conceitual e metodológico; identificação das concepções das professoras sobre alfabetização e letramento e sua articulação com os estudos priorizados; conhecer as práticas pedagógicas priorizadas no processo de aquisição da leitura e escrita e verificar se as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras investigadas possibilitam/favorecem o processo de alfabetizar letrando.

Essa pesquisa é de grande relevância nas dimensões pessoais, profissionais e acadêmica, dada a atualidade, urgência e implicações com a temática. No âmbito pessoal, esta pesquisa contribuirá para melhor compreender as relações estabelecidas entre as concepções e práticas de alfabetização e letramento, uma vez que na minha trajetória escolar já vivenciei e presenciei práticas que não constituíam possibilidades significativas nem tampouco favoreciam o processo de construção e apropriação da leitura e da escrita, pois eram priorizadas práticas mecanizadas, com foco na repetição e memorização. No que se refere ao campo profissional a relevância se revela pelas inúmeras contribuições da pesquisa para a reflexão sobre as práticas e concepções acerca destas duas temáticas que estão na ordem do dia das discussões nas instituições: alfabetização e letramento, considerando nas suas dimensões tanto conceitual quanto prática. Na dimensão acadêmica, consideramos que este estudo se constituirá como rica possibilidade de ampliação de referenciais para a temática em pauta, uma vez que mesmo sendo um campo com muitas investigações, sempre há necessidade de novos estudos, partindo de olhares e perspectivas diferentes. Para embasar teoricamente o nosso estudo, priorizamos autores e pesquisadores que se debruçam sobre a temática, trazendo contribuições significativas para melhor compreender os processos de ensino-aprendizagem da língua escrita partindo do campo conceitual e suas interconexões com as práticas. Dentre outras, destaco Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), Frade (2005), Magda Soares (2006), Luiz Carlos Cagliari (1999) e Maria do Rosário Morttati (2006).

Metodologicamente a pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa, apoiada no estudo de campo, tendo como instrumentos de produção de dados a entrevista. Assim, esta monografia está estruturada, além desta introdução, em quatro seções que juntas conseguem contemplar o objeto, a problemática e os objetivos propostos: a primeira que retrata o processo de alfabetização e letramento em seu processo histórico e conceitual, subdividida nos subtópicos: compreendendo a alfabetização ao longo dos tempos: da história aos processos e compreendendo o letramento do conceitual ao metodológico. A segunda seção traz a reflexão sobre as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento: cruzamentos e aproximações, subdividido em letramento, alfabetização e sua articulação com os processos de aquisição da

leitura e da escrita e possibilidades metodológicas de letramento e alfabetização. A terceira seção diz respeito aos caminhos metodológicos de pesquisa subdivididos em caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa; abordagem metodológica da pesquisa e, por fim, a quarta seção que se dedica a análise de dados. Nela são contemplados três tópicos de modo a atender os objetivos do estudo: concepções de alfabetização e letramento sob o olhar das professoras, práticas pedagógicas priorizadas no processo de aquisição da leitura e da escrita e práticas de leitura e escrita e o processo de alfabetizar letrando. Por fim, são apresentadas as considerações do estudo.

Espera-se que este trabalho contribua de forma significativa como referência para os professores alfabetizadores que estão com a difícil tarefa de alfabetizar de modo que contribua para o repensar de práticas e concepções no intuito de qualificar o seu fazer pedagógico junto às crianças no processo de alfabetização.

## **1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL**

Nesta seção, será contemplada uma breve abordagem da alfabetização e do letramento, trazendo seus conceitos, suas semelhanças e dissonâncias. Dois tópicos são aqui evidenciados: compreendendo a alfabetização ao longo dos tempos e compreendendo o letramento. É necessário fazer esse aprofundamento para compreensão das concepções e práticas realizadas pelas professoras alfabetizadoras no município de Mutuípe.

### **1.1. COMPREENDENDO A ALFABETIZAÇÃO AO LONGO DOS TEMPOS: DA HISTÓRIA AOS PROCESSOS**

Os contextos políticos e econômicos sempre estiveram presentes nos processos de desenvolvimento das sociedades. Por isso mesmo são fatores predominantes de interferência nos processos educacionais, enfatizando sempre as necessidades das sociedades emergentes. A revolução industrial, iniciada no séc. XVII trouxe grandes mudanças também no que se refere ao contexto educacional. A expansão rápida das cidades, o individualismo e o forte apelo visual de informações formaram aspectos importantes para o início da generalização da alfabetização.

Para Barbosa (1994), uma nova proposta pedagógica para desenvolver a aprendizagem da leitura e produção escrita não surge do nada, de um dia para o outro, ele é sempre resultado de uma ruptura com o já estabelecido, e ao mesmo tempo a procura de continuidade, de uma ligação com o passado. Portanto, para refletirmos sobre as práticas pedagógicas atuais de alfabetização faz-se necessário compreendermos a perspectiva histórica da alfabetização e examinar a história das metodologias.

Barbosa (1994) ainda defende a concepção de que a história do processo na construção da linguagem escrita está dividida em três momentos que se destacam: antiguidade até meados do século XVII, priorizava o modelo sintético, que estabelece a relação entre o som e a grafia; do século XVIII até o início do século XX, a metodologia que se opõem ao modelo sintético denominado

método global, no qual a criança percebe a linguagem em seu aspecto global e não em partes e por fim, o período atual que é a junção dos dois métodos anteriores.

Ainda segundo Barbosa (1994), o marco da trajetória do modelo de educação que privilegia a cultura escrita está datado no ano de 1989, onde até então foram marcados por muitas tentativas e erros, os quais temos tido até os dias de hoje.

Nessa época o conceito de escola de alfabetização permeia em uma linha tênue, hora caminhando juntos, hora como tarefa exclusiva das famílias. Isso ocorreu por diversas décadas e somente após a constituição da escola republicana, a alfabetização se tornou parte efetiva do currículo escolar.

Hoje a alfabetização comporta a aprendizagem coletiva e simultânea dos elementos da leitura e escrita. No entanto, nem sempre foi assim. Pois houve um tempo em que essas duas aprendizagens eram concebidas de modo distinto, separadas e sucessivas no tempo, e os métodos até então aplicáveis à educação privada, individual, aplicada pelo preceptor, precursor dos pedagogos. (BARBOSA, 1994, p.16)

Somente os mais abastados eram apresentados ao processo de escrita e mesmo assim depois de muitos anos de leitura. Para tanto eram contratados preceptores, os antecessores dos pedagogos. Esse processo de ensino era feito de maneira segmentada, sendo um preceptor para a leitura e outro para a escrita. Pode-se perceber o quão importante era esse processo e infelizmente somente as classes sociais mais altas podiam oferecer esse ensino aos seus descendentes, tornando o processo de leitura e escrita, acessível para poucos. Dessa maneira, muitos eram os fatores que dificultavam a universalização do processo de alfabetização, dentre eles estavam não somente o poder das classes sociais mais altas, mas também a falta de profissionais qualificados e os preços exorbitantes dos materiais utilizados.

Cagliari (1999), destaca que mesmo sendo oferecido às classes sociais mais altas, esse método de ensino estava longe de um modelo adequado para a compreensão dos métodos linguísticos, era baseado nas cartilhas, onde a criança somente copiava, sem o entendimento de todo o processo. Esse método

estava longe do conceito real, que hoje temos ciência, pois para que uma criança possa aprender a ler e escrever ela deve primeiramente estabelecer relações simbólicas entre os objetos, entender e discriminar letras, ter consciência auditiva, de modo a diferenciar sons para que dessa maneira, possa utilizar símbolos adequados. Por isso, esse processo utilizado ainda era apenas uma forma de memorizar os códigos linguísticos, transmitida de maneira mecanizada. Nesse sentido, a partir da Revolução Francesa, datada no século XVIII, a escola se universalizou e tornou-se gratuita. A partir disso, muitas modificações foram feitas e exemplos buscados fora do Brasil, porque as dificuldades encontradas no momento eram principalmente em obter num único mestre habilidades suficientes para atender as necessidades de muitos alunos, de maneira rápida e eficaz.

Países como Inglaterra, Alemanha e Holanda muito contribuíram para o modelo de educação e alfabetização brasileiro, nesses países era muito comum que alunos mais adiantados ensinassem os iniciantes em uma espécie de mentoria, o que também foi adotado aqui. Por muitos anos foram utilizadas as cartilhas, uma maneira mecanizada de a criança memorizar os códigos linguísticos.

Então, segundo o referido autor, no século XIX, a leitura e a escrita, ou melhor, as técnicas de alfabetização, passam a caminhar juntas, a partir disto a escrita deixa de ser vista apenas como algo artístico e alegórico, mas faz parte dos registros, passando a constituir uma ferramenta de aprendizagem.

Um marco importante para chegarmos nos processos utilizados atualmente ocorreu no final do século XX, com a chegada dos conceitos relacionados à Psicogênese da Língua Escrita, elaborado por Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999); elas descrevem um modelo global de desenvolvimento e aprendizado dos códigos linguísticos, através de uma metodologia construtivista, em que a criança é ativa na construção de seu conhecimento e não somente uma tábua rasa de informações. Essa teoria consiste na relação em qual a criança faz com suas vivências, trazendo uma bagagem audiovisual que facilita o processo de construção de sua aprendizagem linguística.

A partir desse momento a alfabetização percorreu resultados significativos e qualitativos, porém ainda há muito a ser desenvolvido nesse aspecto, pois

como dito anteriormente, existem inúmeros fatores que interferem na aquisição da língua escrita e que podem levar a uma dificuldade ou até mesmo bloqueios, fazendo que novamente a mecanização seja utilizada não somente por parte dos professores, mas também pelas famílias no processo de auxílio à educação no seio familiar.

Um longo caminho foi percorrido e ele se encontra em constante transformação. Desta forma, é importante conhecermos para compreendermos as concepções trilhadas até aqui com o intuito de continuar buscando esse movimento em prol de uma alfabetização mais efetiva.

Depois desta breve contextualização histórica, é importante destacar que o processo de leitura e escrita tem sido tema constante de observações e estudos, dada a sua importância como base para codificação e decodificação dos códigos linguísticos nos anos iniciais, preparando o aluno para a leitura, produção e interpretação significativa de textos e contextos. Ferreiro (1886), pioneira nos estudos de alfabetização e letramento no Brasil, retrata a necessidade de criar uma cultura letrada, onde a circulação de textos e livros, sejam eles digitais ou não, se faz necessário para efetivar a circulação de ideias. Retrata ainda que as habilidades de leitura desenvolvidas pelas crianças estão interligadas a diversos fatores e por isso é de extrema importância a relação que elas estabelecem com a cultura escrita desde cedo para um processo natural, gradual e constante de alfabetização.

A criança tem contato com o mundo da leitura e escrita desde o seu nascimento através de livros, revistas, faixas, letreiros variados, televisão, celular e muitos outros diferentes estímulos linguísticos pertencentes à sociedade no qual todos estamos inseridos. Mas mesmo com todos esses estímulos visuais, existe um grande percentual de crianças com defasagem no processo de aquisição da língua escrita nos anos iniciais e a taxa de pessoas não alfabetizadas funcionalmente é muito grande. Assim, a alfabetização é tema recorrente nas escolas, mídias e produções acadêmicas a fim de levantar questionamentos e ações para facilitar esse processo de aquisição da leitura e da escrita, uma vez que se constitui como pauta central nas discussões dada a necessidade e urgência de possibilitar a garantia de melhores resultados em nosso sistema educacional.

O conceito de alfabetização está relacionado à prática objetiva dos códigos linguísticos e o desenvolvimento de habilidades em ler e escrever. De maneira simplista, pode-se dizer que o processo de alfabetização ocorre quando a criança conhece e reconhece o alfabeto, através de normas técnicas e faz dele um instrumento de comunicação escrita.

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social (CARVALHO, 2010, p.66).

Portanto, para Carvalho (2010), a alfabetização está além da codificação e decodificação das palavras e o termo letramento é desnecessário, pois o significado do mesmo já está embutido em todo o processo de alfabetização, tornando-se desta forma nulo.

Há algum tempo, descobriram no Brasil que se poderia usar a expressão letramento. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica. (FERREIRO, 2003, p.30).

Essa reflexão é muito pertinente sobre os conceitos que são lançados sobre alfabetização e letramento, sem fazer mão de um conteúdo mais aprofundado e embasado em pesquisas, estudos e análises, trazendo um certo modismo para a educação e tentando criar neologismos, que de alguma maneira fazem sentido e amenizem a defasagem alfabética de grande parte das crianças. O termo letramento se faz presente em muitos livros e artigos relacionados ao processo de alfabetização, mas será que ele realmente deve ser usado de forma segmentada no processo da alfabetização? Ou eles estão unidos de maneira inseparável na aquisição da língua escrita de modo a serem tão complementares e indissociáveis numa simbiose analítica de todo esse processo?

Dessa maneira, entender a história da alfabetização no Brasil e seus processos, é o primeiro passo para a compreensão desses pressupostos que

também estão presentes na formação dos professores alfabetizadores, nos conteúdos metodológicos aplicados, nas condições educacionais e nas diretrizes que os norteiam.

## 1.2. COMPREENDENDO O LETRAMENTO: DO CONCEITUAL AO METODOLÓGICO

Depois da subseção relacionada à materialidade histórica da alfabetização, faz-se interessante apresentar também a do letramento, considerando que este termo se constitui como desdobramento da alfabetização a partir das necessidades sociais. Compreender esta materialidade e sua base conceitual considera-se de fundamental importância para que possamos melhor entender as práticas articuladas às suas sustentações teóricas.

De acordo com Mortatti (2011), o termo letramento se abrigou por volta dos anos 80, e tem sua origem do grego “*literacy*”. Começou a ser usado a partir da necessidade de nomenclatura da parcela populacional que não pertencia à classe dos não alfabetizados e sim dos que utilizavam a leitura e a escrita em seus contextos diários.

[...] como as múltiplas alfabetizações do século XVI ao XIX foram transformadas em uma alfabetização única, escolarizada. Ao que parece, estamos conformando o letramento social, ao final do século XX e início do século XXI, renomeando alfabetizações em alfabetismos e/ou letramentos, ao criarmos situações que levem os/as alunos/as a fazerem uso de diferentes gêneros textuais e práticas discursivas na escola e fora dela. (TRINDADE, 2004b, p. 137).

O conceito de letramento é considerado bastante atual no que tange a alfabetização e foi utilizado pela primeira vez pelo Mary Kato, em 1986, em seu livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Posteriormente foi também utilizado por Kleiman em 1985 em suas teorias sobre os processos da alfabetização.

O surgimento do termo *literacy* (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma

mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2011, p. 29, grifos da autora).

Segundo a autora, assim como aconteceu no decorrer de toda a história da educação, seus processos, normativas e a tentativa de universalização, o mesmo ocorre em relação ao processo de alfabetização e letramento. Tudo decorre da necessidade da sociedade em mensurar, qualificar e normatizar conceitos, e metodologias a serem utilizadas conforme a demanda social e econômica do momento histórico em questão. Assim o conceito de letramento vem se popularizando na população dita acadêmica, e substituindo gradativamente o termo alfabetização.

Nesse sentido, conforme defendido por Soares (2004), o letramento está diretamente relacionado ao processo de alfabetização e se caracteriza pela compreensão de mundo no qual o indivíduo está inserido, ele abrange muito mais do que apenas a decodificação de signos linguísticos, com seus significados e significantes.

Tfouni (2010), reforça a ideia de que o letramento surgiu da necessidade de se aprofundar mais sobre o tema da alfabetização. Nas suas palavras evidencia que:

“A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla e até determinante desta.” (TFOUNI, 2010, p. 32).

A referida autora defende a ideia de que o conceito de letramento surgiu nos meios acadêmicos a fim de separar dois tipos de estudos: os que causam impacto social em relação à escrita e os estudos sobre a alfabetização propriamente dita. Se formos decodificar a palavra letramento, poderíamos associá-la à condição de ser letrado, diferentemente do que usamos no Brasil. A palavra letramento, para nós, refere-se a uma pessoa erudita, com altos níveis de conhecimentos e o contrário também é válido, com o iletrado, sem conhecimentos literais ou eruditos. Mas para Soares (2009), a palavra “letrado”

é o resultado da ação de aprender a ler e escrever. Desse modo é um estado ou condição de quem se apropriou da língua escrita. Assim o letramento é somente um resultado desse processo de alfabetização.

O processo do letramento permite que a criança mantenha contato constante com o mundo da leitura e escrita através de estímulos visuais e um grande universo de ferramentas para que esse processo seja realizado de maneira gradual e contínua, favorecendo futuramente um processo de alfabetização interiorizada. É importante que a criança esteja imersa em um ambiente que permita esse contato, pois assim, mais facilmente esta estará preparada para a aquisição da língua escrita. Nesse sentido, Soares (2003) destaca que:

[...] para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita. (SOARES, 2003, p.14).

Dessa forma, o letramento abrange as mais diversas práticas sociais e mesmo quando um indivíduo é caracterizado como não alfabetizado pode ser considerado letrado a partir do momento em que distingue uma placa de ônibus ou consegue fazer uma compra utilizando-se de dinheiro ou cartão. Por isso é importante destacar que o letramento é um processo amplo de ensino aprendizagem.

Para Soares (2011), alfabetizar e letrar são ações distintas, porém indissociáveis, ou seja, apesar de serem diferentes, elas se complementam e se somam. O processo de letramento e alfabetização deve englobar a leitura de mundo e não apenas a decodificação dos signos linguísticos, deve-se saber ler e interpretar o mundo, expressar-se através da leitura e escrita e não ser somente um processo de memorização.

Assim, segundo Kleiman (2007) a diferença entre letramento e alfabetização acontecem na medida em que é ensinada na escola como o desenvolvimento de uma habilidade progressivamente desenvolvida até chegar ao momento de leitura e escrita determinadas como ideais, já o letramento parte da concepção de leitura escrita como múltiplas funções e inseparáveis dos

contextos em que se desenvolvem. Soares (2019) corrobora com as pontuações da autora supracitada e evidencia que o letramento é entendido como “[...] produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia”. Diante de tais conceitos o ideal seria alfabetizar letrando, unindo os dois processos e destacar o que existe de melhor em cada um. Ou seja, a utilização e compreensão dos códigos linguísticos aliados à utilização desses mesmos códigos com as práticas sociais. Esse é um grande desafio para o educador que precisa unir os dois processos para formar um indivíduo que saiba utilizar os processos de aquisição da língua escrita e ao mesmo tempo a sua utilização na decodificação do mundo no qual está inserido de modo crítico e consciente. Para que isso aconteça Carvalho (2011) anuncia que:

[...] deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondências escolares), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social (CARVALHO, 2011, p.69).

Para tanto, o professor deve estar preparado e utilizar metodologias qualificadas para o processo de letramento e alfabetização. Além disso, deve-se ter em mente que o aluno inicia o seu processo de aquisição da língua escrita bem antes de adentrar os muros da escola e que ambos estão diretamente ligados ao meio em que vivem, facilitando ou dificultando o processo de aquisição da língua escrita.

É fato que ambos os processos, letramento e alfabetização são indissociáveis e complementares, conforme defendido por Soares (2009) sendo de grande importância que o professor possibilite condições para que o aluno estimule suas habilidades de reflexão por meio de sua prática pautada no estudante e seu contexto social.

Depois desta abordagem acerca da alfabetização e do letramento partindo da materialidade histórica até os seus processos metodológicos, faz-se importante tecer reflexões sobre os cruzamentos e aproximações das práticas pedagógicas de alfabetização e letramento, passeando pela reflexão acerca da construção do processo de língua escrita, realizada pelas estudiosas em alfabetização Emília Ferreiro e Ana Teberosky. As quais trazem grandes

contribuições para melhor compreendermos como a criança aprende e como constrói o movimento de compreensão da escrita. É sobre isso que pautamos a discussão do próximo capítulo.

## **2- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CRUZAMENTOS E APROXIMAÇÕES**

Nesta seção serão abordados os cruzamentos e aproximações que faremos sobre os processos de aquisição da leitura e escrita a fim de adentrar um pouco mais nesses conceitos e refletir sobre suas contribuições e desafios. Para tanto, dois tópicos são contemplados, a saber: “Letramento, alfabetização e sua articulação com os processos de aquisição da leitura e da escrita” e “Possibilidades metodológicas no processo de letramento e alfabetização”.

### **2.1 LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E SUA ARTICULAÇÃO COM OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

Refletir sobre estes dois conceitos articulados aos processos de aquisição da leitura e da escrita nos convida a trazer à tona ou retomar a discussão sobre uma pesquisa que marcou um momento importante na história da alfabetização: a psicogênese da língua escrita.

Uma grande estudiosa sobre o processo de aquisição da língua escrita foi Emília Ferreiro, que juntamente com Ana Teberosky, obteve destaque ao evidenciar como se dão os processos de construção da escrita pelos sujeitos. Possibilitou ampla compreensão de como a criança aprende a escrita e das hipóteses construídas em cada fase antes da escrita alfabética.

Mortatti (2006) destaca que foi justamente neste período que se introduziu no Brasil o pensamento construtivista no processo de alfabetização, trazendo o sujeito como protagonista de seu aprendizado, no centro da produção de seu conhecimento. Isso revela não uma mudança metodológica, mas um novo fazer na educação, uma mudança conceitual do que até então, se tinha como certeza. Isso exigiria e ainda exige muito conhecimento e empenho por parte do professor alfabetizador, abandonando práticas e conceitos conservadores.

Assim, é importante que o professor tenha conhecimento dessas fases para direcionar o seu trabalho dentro das expectativas de aprendizagens que as crianças já construíram ou estão em construção. É importante destacar também que isso é uma ação norteadora de metodologias e que auxiliam o professor na sua prática diária, mas que não serve como verdade absoluta, pois cada criança

tem seu desenvolvimento individual, e para que esse desenvolvimento ocorra é necessário um ambiente com estímulos adequados. Essas fases são marcos de desenvolvimento que auxiliam o professor e este por sua vez, deve conhecer o nível de escrita da criança e a partir disso, proporcionar condições para que ela possa se desenvolver. Abordaremos logo abaixo essas fases, destacando que o processo de aquisição da língua escrita se dá gradativamente através de saltos cognitivos, dependendo de uma assimilação e acomodação de seus esquemas internos e isso demanda tempo.

Para Ferreiro (1886), o processo de aquisição do conhecimento da leitura e escrita segue uma lógica individual com a criança estando dentro ou fora da escola. Assim existem avanços e recuos que são inerentes ao processo, até que haja definitivamente o domínio dos códigos linguísticos. Não existe um tempo estipulado para que esse processo ocorra, pois a internalização dos conteúdos é feita de maneira única e individual, de acordo com as interações e estímulos que a criança recebe. Viver em um ambiente em que haja constante interação com livros e materiais áudio visuais que favoreçam o contato com a leitura e escrita facilita o desenvolvimento das habilidades linguísticas das crianças, facilitando grandemente o processo de alfabetização.

As fases de desenvolvimento descritas por Ferreiro e Teberosky (1986) são: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, as quais serão mais detalhadas a seguir, considerando a pesquisa realizada pelas autoras supracitadas.

A primeira fase de desenvolvimento citada por Ferreiro é a pré-silábica, onde a criança vê a palavra como um todo, pois não consegue relacionar as letras com os sons da fala. Assim ela expressa sua escrita com rabiscos, letras aleatórias e desenhos. É a fase inicial do processo de alfabetização. Para as autoras, nesta fase:

[...] o texto não é inteiramente previsível a partir da imagem, [a criança] opta, então, pelo decifrado para encontrar o sentido preciso; porém ao fazê-lo perde o sentido, ao ficar presa nas exigências de um decifrado exato. Nos casos extremos são as crianças que parecem ler corretamente, já que não cometem erros no decifrado, porém que não têm a menor ideia do sentido do texto. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1984, p. 99).

À medida em que a criança vai treinando, torna-se confiante tendo acesso cada vez mais a produções escritas e passa a observar e evoluir para a silábica. Nesta fase, a criança já reconhece que a palavra tem valor, mas ela própria atribui esse valor interpretando a palavra escrita a sua maneira, onde cada fonema é representado por uma letra, podendo ou não ser atribuído valor sonoro. Nesta perspectiva, Weisz (1990), destaca que:

[...] (a criança) começa diferenciando o sistema de representação escrita do sistema de representação do desenho. Tenta várias abordagens globais (hipótese pré-silábica), numa busca consistente da lógica do sistema, até descobrir - o que implica uma mudança violenta de critérios - que a escrita não representa o objeto a que se refere e sim o desenho sonoro do seu nome. Neste momento costuma aparecer uma hipótese conceitual que atribui a cada letra escrita uma sílaba oral. Esta hipótese (hipótese silábica) gera inúmeros conflitos cognitivos, tanto com as informações que recebe do mundo, como com as hipóteses de quantidade e variedade mínima de caracteres construída pela criança. (WEISZ, 1990, p. 73).

Após a internalização da etapa acima, a criança passa por uma nova aprendizagem, onde dessa vez ela já consegue perceber que a escrita representa os sons da fala, atribuindo valores ao fonema, e essa etapa é a silábico alfabética. Assim, os alunos que antes representavam cada emissão sonora com apenas uma letra, já não o fazem, mas, percebem e agregam mais letras a determinadas emissões sonoras.

E por fim, a última etapa da psicogênese da língua escrita definida por Ferreiro é a alfabética, onde o aluno já compreendeu as primeiras práticas sociais do processo de escrita e leitura, tendo domínio sobre o valor das letras e sílabas. Assim, ao analisarem os processos alfabetizadores no contexto brasileiro, Alvarenga et al (1986) elucida que:

Embora escrever e ler sejam comportamentos que ultrapassam muito a aprendizagem das relações entre os sons da fala e as letras da escrita, essa aprendizagem é, inegavelmente, o primeiro passo na formação desses comportamentos. Ora, é justamente nesse primeiro passo que tem fracassado a escola brasileira, já que os altos índices de repetência se verificam na série em que se inicia a aprendizagem da língua escrita. (ALVARENGA et al., 1989, p. 6).

Dessa forma, o processo de alfabetização, ou da aquisição da língua escrita e falada ocorrerá quando o aluno souber ler e escrever, de modo a interpretar e elaborar produções simples e gradativamente textos mais complexos com qualidade. Isso se dá desde a mais tenra idade, através do processo de letramento, com a introdução da criança em um mundo letrado persistindo por toda a vida. (SOARES, 2010).

A psicogênese da língua escrita descrita por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, permite que compreendamos que a escrita é um processo contínuo de aprendizagem, através de zonas de equilíbrio, conflitos e acomodação dos conceitos que estão sendo inseridos, em reconstrução real e inteligente.

A criança é autônoma neste processo, alfabetizando a si própria em um processo longo e contínuo que se dá principalmente através do letramento. Mas isso não exime a necessidade de um mediador, onde o professor deve criar estratégias e metodologias criativas e adequadas para que esse processo se torne realmente significativo e natural.

## 2.2 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Discutir e refletir sobre a alfabetização e o letramento na sua dimensão metodológica implica em conhecer mais profundamente sobre os meios e ferramentas que estão sendo empregados no processo de desenvolvimento e aprendizagem, bem como compreender as necessidades do educador e do educando e os pontos positivos e negativos que o acompanham.

Através da reflexão do conteúdo aqui disposto é possível ainda um redimensionamento metodológico relacionado ao momento atual e suas necessidades, dinamizando assim os processos de articulação e desenvolvimento dos estímulos necessários a uma mudança de paradigmas que muitas vezes ainda continua presente de forma subjetiva nos professores alfabetizadores, reproduzindo conceitos ultrapassados e comprovadamente ineficientes, que acompanham a forma mecanizada de alfabetização. Assim, a pesquisa transforma não somente o conhecimento que se adquire, mas também

os sujeitos que dele fazem parte, pois a reflexão vincula o pensamento e a ação. Segundo Ramos (2009, p. 20),

[...] a formação docente deve se adequar ao novo tempo e a nova escola que está sendo desenhada pelas transformações que se implementam, privilegiando um processo de formação na qual as características sejam a reflexão, a conexão, compartilhamento e autonomização pessoal e profissional.

Diante desta afirmação faz-se necessário abranger um estudo sobre as metodologias que podem ser empregadas nesse processo de letramento, haja vista que a alfabetização é uma consequência no processo de letramento bem estruturado. Dentro do contexto histórico social, muitas foram as tentativas, modificações e acomodações, utilizando-se de diferentes abordagens metodológicas.

Até meados dos anos 1990, cartilhas de alfabetização, especialmente as “antigas”, não eram objeto de investigação prestigiado na pesquisa em Educação no Brasil. Vivia-se, ainda, certo clima de euforia decorrente da disseminação da teoria construtivista, que demandava esforços por parte dos pesquisadores no sentido de compreender os problemas da alfabetização de acordo com a psicogênese da língua escrita e elaborar propostas de intervenção na prática docente alfabetizadora, por meio de uma “didática construtivista”, a qual, por sua vez, implicava abandonarem-se cartilhas, por serem consideradas empecilhos ao processo de construção do conhecimento a respeito da língua escrita, por parte dos alfabetizandos. (MORTATTI, 2006a, p. 13).

Para Soares (2009), diferentes estímulos visuais devem fazer parte da sala de aula, a fim de desenvolver a criança também através de atividades lúdicas e recreativas. Mas também é importante destacar que não existem métodos milagrosos que garantirão a alfabetização, pois isso engloba fatores de alta complexidade. Para que se consiga atingir um grau maior de crianças alfabetizadas em sala de aula, é necessário perceber e reconhecer a heterogeneidade do aluno quanto ao seu letramento e grau de alfabetização, propor intervenções específicas frente a grupos formados de acordo com similaridades e principalmente estar com o olhar voltado para cada criança e conhecer suas dificuldades e avanços.

Dessa forma, muitas atividades favorecem esse processo de alfabetização: escrita espontânea, observação da escrita do adulto, familiarização com a escrita do adulto, contato visual frequente com a escrita de palavras conhecidas, sempre em um ambiente em que estejam rodeadas de escrita de diferentes funções: calendário, lista de presença, rotina do dia, rótulos de caixa de material didático, etc.

Soares (2009) relata ainda algumas maneiras de criar um ambiente favorável ao processo de letramento e conseqüentemente de alfabetização. Criar um ambiente rico em possibilidades visuais de leitura escrita é o primeiro passo para a aquisição deste código linguístico. Também podem ser trabalhadas com as crianças a consciência fonológica que são utilizadas em rimas, parlendas, versos e poesias, em uma infinidade de temas. Os “jogos voltados para a consciência fonológica das crianças, se realizados sistematicamente na educação infantil, criam condições 11 propícias, e inclusive necessárias, para a apropriação do sistema alfabético”. (SOARES, 2009, p.1).

Assim, cabe ao educador criar condições necessárias para que o processo de letramento e alfabetização ocorra de maneira tranquila e através primeiramente do contato com o mundo da leitura e escrita. Segundo Ferreiro (1996), as práticas adotadas nas escolas não permitem um aprendizado significativo e duradouro no processo de alfabetização, os métodos utilizados são de memorização, junção de sílabas e fonemas, além de cópias simples e decifração de sons.

Dessa forma, Emília Ferreiro e Ana Teberosky defendem que a criança é parte ativa no processo de aquisição das práticas de leitura e escrita desenvolvendo, portanto, seu livro que teve grande impacto na comunidade educativa da época: A psicogênese da língua escrita, que, conforme já elucidado, anuncia que a criança passa por vários estágios até conquistar a escrita convencional. Para Ferreiro (1996), o processo de alfabetização nada tem de mecânico do ponto de vista da criança que aprende. Ferreiro (1996), relata que as crianças com idade de 6 anos aproximadamente já conseguem distinguir textos de desenhos e desta forma começam a adquirir noção do código linguístico. Esse processo é separado por níveis de conhecimento, nos quais a criança compreende o processo de leitura e escrita paulatinamente, começando

por traçados simples aparentemente sem significado, reprodução de letras, sílabas e fonemas até a escrita real.

Para Rojo (1998) o método mais eficiente para se alfabetizar é aquele que permite ao aluno criar suas hipóteses a partir da mediação do professor, expondo teorias e ideias a respeito da língua escrita. Assim a escola, e mais diretamente o educador deve se preocupar primeiramente com a aquisição da língua escrita por parte do aluno e depois com os resultados que a criança apresenta.

De acordo com os estudos realizados, pude compreender que a metodologia usada no processo de alfabetização é de fundamental importância no sucesso ou fracasso da criança na conquista da construção da base alfabética. A memorização e repetição de grafias e fonemas apenas fazem com que o aluno reproduza automaticamente e não internalize o conhecimento. O construtivismo foi uma tentativa de fazer com que o aluno se tornasse protagonista na construção de seu conhecimento, mas por ter sido mal interpretado e utilizado de maneira aleatória, sem bases estruturadas, apenas foi mais uma tentativa frustrada frente ao analfabetismo e dificuldade de aprendizagem da língua escrita. O conhecimento de maneira geral, como também o conhecimento alfabético, é um saber contínuo que se faz através da mediação do educador, a fim de atingir um objetivo pré-estabelecido. Por isso, a metodologia mais adequada no processo de alfabetização é aquela em que o aluno possa fazer parte da construção de seu aprendizado.

Segundo Piaget (1984), os conhecimentos não se empilham e não se acumulam, mas passam de estados de equilíbrio a estados de desequilíbrio, no transcurso dos quais os conhecimentos anteriores são questionados. Uma nova fase de equilíbrio corresponde então a uma fase de reorganização dos conhecimentos, em que os novos saberes são integrados ao saber antigo, às vezes modificado, essa ação também pode ser denominada zona proximal de internalização de conteúdo.

Algumas técnicas utilizadas para a alfabetização, como memorização e reprodução da língua escrita são obsoletas e ultrapassadas e estão comprovadamente descartados como prática qualificada e funcional no aprendizado da língua escrita, ou seja, no processo de alfabetização. Estudiosos da educação, como Magda Soares (2010) defendem o uso da escrita de maneira

funcional, que auxiliem o aluno não somente na reprodução de grafias e fonemas, mas principalmente na escrita como leitura do mundo, como prática social. E é esta perspectiva que defendemos neste estudo.

O que acontece é que atualmente, muitos estão sendo alfabetizados, ou seja, conhecem e reconhecem os códigos linguísticos, mas não conseguem interpretá-los e utilizá-los de maneira a facilitar sua vida social. Nesta perspectiva, deve existir um trabalho que envolva melhor a compreensão de como ocorre a aquisição da escrita e auxiliar o aluno a desenvolvê-la, sendo protagonista de seu próprio conhecimento desde o início dos anos escolares. Os métodos que desenvolvem o aluno para o processo de alfabetização devem estar presentes desde a educação infantil através do letramento e paulatinamente adquirindo os conceitos e conteúdo, de maneira lúdica, para que esse aprendizado também não se torne cansativo e enfadonho, mas possa ser uma descoberta empolgante.

### 3. CAMINHOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Esta seção será dedicada aos caminhos metodológicos trilhados na pesquisa. Nela serão destacadas a abordagem utilizada, os métodos e técnicas escolhidas para a produção dos dados, os sujeitos e campo da pesquisa e os percursos no campo empírico. Composta por três tópicos que tentam evidenciar os caminhos trilhados no campo metodológico, sendo o primeiro a caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa, o segundo, a abordagem metodológica e, por fim o terceiro, os procedimentos de produção dos dados.

#### 3.1. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E SUJEITOS DE PESQUISA

Essa pesquisa consiste no aprofundamento de informações textuais a respeito do letramento e alfabetização para a compreensão mais ampla sobre as práticas pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras. Dessa forma, além do aprofundamento do tema proposto através de uma pesquisa teórica, também foi realizada uma entrevista com professoras alfabetizadoras da cidade de Mutuípe, a fim de compreender melhor o que acontece na prática educativa desse município.

A cidade de Mutuípe, fica no interior da Bahia e foi emancipada em 12 de outubro de 1926 e antes fazia parte de um povoado conhecido na região por Mutum. Em seu contexto histórico, até o meio do século XIX, toda a região ribeirinha do rio Jiquiriçá (atual região de Mutuípe) era habitada por indígenas, e isso foi se modificando à medida que a colonização foi avançando.

Um dos primeiros povoadores dessa nova fase foi Manuel João da Rocha, que foi proprietário da primeira fazenda da região, denominada Mutum. Esse nome foi dado em homenagem a uma ave da região. O sufixo ipê foi adicionado à palavra Mutum, e que significa em tupi guarani forte. Portanto Mutum Ipê, significa ave forte.

A região sempre foi muito próspera e fértil, o que levou os proprietários de terra a desenvolverem uma agricultura sólida, tornando-se um núcleo de

agricultores e negociantes. Dessa forma, a cidade iniciou sua história e processo de crescimento financeiro, administrativo e populacional. No último censo apresentou uma população de 22.221 habitantes, onde a taxa de escolaridade é entre 6 a 14 anos, ficando estabelecida em 98,4%.

Em relação aos sujeitos de pesquisa se faz necessário destacar que foi feito um levantamento de dados através de entrevistas com professoras alfabetizadoras da região de Mutuípe, que puderam expor um pouco mais sobre as práticas utilizadas no processo de letramento e alfabetização.

Para isso, houve a seleção de três entrevistas, as quais serão detalhadas logo em seguida, lembrando que os nomes destacados são fictícios, para a preservação de identidade e atender aos princípios éticos da pesquisa.

**Quadro 1.** Caracterização do perfil das professoras alfabetizadoras entrevistadas

NOME	IDADE	COR	ESTADO CIVIL	RELIGIÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA	TEMPO COMO ALFABETIZADORA	TEM FILHOS ?	QUANTOS?
Rosa	44	Negra	Casada	Católica	24	2	Sim	2
Margarida	54	Parda	Casada	Evangélica	25	25	Sim	2
Jasmim	37	Negra	Casada	Católica	11	2	Não	-

**Fonte:** dados obtidos através de uma entrevista semi-estruturada

Conforme observado no quadro 1, realizamos uma entrevista com professoras das escolas municipais de Mutuípe, que compreendem uma faixa etária de 37 a 54 anos, todas casadas e somente a Jasmim não possui filhos.

É importante analisar os tópicos que se apresentam, podendo ou não ser de grande relevância para a entrevista em si. As três professoras entrevistadas são afrodescendentes, uma delas autodeclarada parda. Ainda sob a análise desse primeiro quadro é importante ressaltar que duas professoras são católicas e apenas uma evangélica.

Todas possuem larga experiência educacional, porém com variações no tempo de docência nas práticas alfabetizadoras. As professoras Rosa e Jasmim, apesar de terem vários anos na docência, como alfabetizadoras estão a apenas 2 anos. Por sua vez, a professora Margarida demonstra grande experiência no processo de alfabetização, lecionando por 25 anos nessa faixa etária.

Essa pesquisa foi feita por amostragem para paramentar e embasar um perfil mais concreto das professoras alfabetizadoras e suas práticas nesse município em estudo.

Para ampliar a compreensão acerca das interlocutoras da pesquisa, foram levantadas algumas questões dando início a essa pesquisa de campo e elas serão tratadas a seguir:

**Quadro 2:** Dados sobre a docência alfabetizadora das colaboradoras

<b>NOME</b>	<b>GOSTA DA DOCÊNCIA?</b>	<b>GOSTA DE ALFABETIZAR?</b>	<b>O QUE TE INSPIRA?</b>
ROSA (44 anos)	<i>Se eu gosto da docência (risos), sim ou não? Sim, até mesmo Lu, porque apesar de todas as dificuldades que a gente enfrenta enquanto educador, no chão de nossas salas, me sinto realizada e diria que eu tenho mesmo de estar. Intervenho na vida dos meus estudantes. Então isso não tem preço, não há remuneração que pague essa satisfação de você poder contribuir e se tornar referência na vida deles.</i>	<i>Lu, sou apaixonada, porque quando as crianças saem da etapa da educação infantil e você inicia o trabalho no ensino fundamental, tudo é novo, tudo encanta. A gente consegue perceber o quanto as crianças se envolvem no que você está trabalhando. Porque eles verão a cada proposta de trabalho que você apresenta a eles a construção do seu aprendizado.</i>	<i>Então, o que mais me inspira é essa satisfação de ver a criança descobrir o mundo a partir da aquisição da leitura e da escrita. É como se o livro estivesse fechado e você pudesse abri-lo. Não tenho palavras para descrever o que é você iniciar o ano letivo com uma criança que tem dificuldade em manusear um lápis e no final do ano letivo essa criança estar escrevendo, lendo palavras ou frases. Não tem como não se cativar diante desse trabalho e esse processo é muito visível aos nossos olhos também através de registros por portfólios. Manusear esse portfólio. A família também consegue perceber os avanços. Isso cativa qualquer professor.</i>
MARGA RIDA (54 anos)	<i>Sim. Porque faço com dedicação, com amor em todos esses anos.</i>	<i>Sim. Porque me realizo como educadora.</i>	<i>Acompanhar passo a passo do desenvolvimento da criação no mundo da aprendizagem</i>
JASMIN	<i>Sim, porque de certa forma</i>	<i>Sim, gosto. Falo com</i>	<i>Não obtive resposta</i>

(37 anos)	<i>transforma a vida das pessoas.</i>	<i>muita satisfação porque quem alfabetiza é o professor e não o método. A alfabetização dá acesso ao mundo da escrita, dos livros, da imaginação, da leitura. Tudo isso conduz a criança a uma conquista abrindo as portas para todo o conhecimento. Então por esse motivo, eu falo com o maior prazer que eu amo alfabetizar</i>	<i>da educadora entrevistada.</i>
-----------	---------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------

Fonte: dados obtidos através de uma entrevista semi-estruturada

Conforme pode ser visualizado no quadro 2, as narrativas das professoras são bastante elucidativas e revelam o prazer pela docência, sobretudo nas classes de alfabetização e suas inspirações. Observa-se que as três professoras possuem um tempo considerável em educação e possuem uma vida familiar de certa forma estruturada, o que também, intrinsecamente influencia o seu trabalho como docente.

As três professoras entrevistadas demonstram satisfação no processo de alfabetização e possuem consciência da importância de seu trabalho para o desenvolvimento e aprendizado das crianças que estão sob sua tutela. O alfabetizar transforma vidas, possibilita inserção ao mundo letrado e codificado, fazendo a leitura através de códigos linguísticos pré-estruturados.

Rosa (44 anos), relata o sentimento de importância e pertencimento a esse processo de ensino aprendizagem enquanto facilitadora dessa leitura de mundo, e dentro desse contexto Soares (2003) relata que letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Ainda segundo o relato da educadora Rosa (44 anos), ela se sente inspirada pela troca de conhecimentos que acontecem entre o professor e o aluno, em que cada vez mais se faz fortalecida em sua prática. O processo é mágico e revigorante trazendo o pertencimento a toda a comunidade escolar: professor, aluno e familiares. Dessa forma o que inspira um professor alfabetizador é justamente o processo de aquisição da língua escrita, através de um processo de letramento que introduza a criança no mundo letrado e a conduz por toda a vida (SOARES, 2010).

### 3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA DE PESQUISA

Descrever o caminho metodológico utilizado para a construção dessa pesquisa se faz de extrema importância para a compreensão da escolha do objeto de estudo e o caminho percorrido. A contextualização histórica também se mostra necessária com complemento das informações aqui dispostas.

Para um pesquisador a metodologia de pesquisa se torna um caminho importante a ser trilhado, pois ele é quem irá direcionar o trabalho a fim de extrair o máximo de informações a respeito do tema escolhido e desta forma descrever um pouco da trajetória humana em determinado assunto.

Assim, esta pesquisa se constitui com uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de campo, antecedida de estudo bibliográfico, por compreendermos a sua relevância dada a abordagem refletida neste estudo.

A pesquisa qualitativa necessita de uma abordagem mais ampla do objeto de estudo, de forma a estruturar aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Assim ela tem como principal foco descrever aspectos intrínsecos na criação de hipóteses acerca de determinado tema e por isso tem grande importância no processo de interpretação e análise dos dados.

Os procedimentos técnicos são importantes para o delineamento da investigação empírica, sendo divididos em dois grupos, quais sejam: “aqueles que se valem de fontes de papel e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas” (GIL, 2002, p. 43).

Já a pesquisa de campo pode ser compreendida como a análise, interpretação, comparação e interpretação de fatos referentes a uma das etapas da metodologia científica de acordo com o que deve ser compreendido e estudado, permitindo ao pesquisador se debruçar sobre o objeto de estudo, com o objetivo de observar fatos e fenômenos de maneira como ocorrem na realidade através de coleta de dados.

“A realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o

real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados. ” (José Filho, 2006, p.65).

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica parte de uma pesquisa e aprofundamento de um material já elaborado, constituído principalmente através de livros e artigos científicos. Dessa forma, apresenta-se como uma revisão e aprofundamento do tema proposto.

Este tipo de pesquisa utilizada no desenvolvimento deste trabalho permite o embasamento teórico de pesquisadores e ao mesmo tempo um trabalho em campo para qualificar o processo de pesquisa. Ou seja, depois do aprofundamento do campo de visão do assunto a ser desenvolvido, o pesquisador se permite conhecer o objeto de pesquisa através de observações e comparações, nesse caso específico, utilizei uma entrevista, a fim de dar maior visibilidade ao objeto de estudo, conforme discutido no próximo tópico.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Os procedimentos adotados neste trabalho de conclusão de curso foram uma análise aprofundada de produções bibliográficas a partir de estudos autorais e entrevistas semiestruturadas para a compreensão das práticas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras do município em questão.

Porém, dando possibilidades para a compreensão e construção da resposta de maneira a deixar o entrevistado livre. A entrevista, como processo de aprofundamento do objeto de estudo, é uma importante ferramenta para a construção de uma pesquisa bibliográfica.

Gil (2009), ressalta a importância dessa técnica, para a compreensão do que as pessoas sabem sobre o assunto, sua compreensão de mundo e fatores históricos inerentes ao tema. Porém ressalta a necessidade de uma pesquisa bem elaborada, pois, como muitos desses fatores dependem de respostas dos entrevistados, alguns resultados podem ser intrínsecos, dificultando a racionalidade do que se deseja desenvolver. Contudo, essas limitações podem

ser sanadas ou diminuídas de acordo com a qualidade da entrevista que é apresentada.

A entrevista foi composta de uma introdução, onde os entrevistados relataram alguns dados pessoais e subjetivos e três seções, cada uma delas contendo duas questões específicas.

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, auto determinando a sua trajetória. É claro que esta possibilidade requer algumas condições. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enviesadamente afetivos presentes na caminhada, a pôr em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a desconstruir seu processo histórico para melhor compreendê-lo. (CUNHA, 1997, p.2).

Assim, ao escolhermos a proposta de uma entrevista semiestruturada possibilitamos aos entrevistados uma narrativa não somente sobre suas práticas, mas trazendo consigo experiências e vivências intrínsecas importantes também para esse relato, a fim de entrelaçar a teoria, subjetividade, e contexto histórico.

Desse modo, as entrevistas ocorreram de forma virtual, pois o contexto que vivemos atualmente é ímpar. O momento em que estamos realizando essa pesquisa bibliográfica exige muita organização e comprometimento.

Neste ano em particular, evidenciamos o segundo ano de uma pandemia mundial, onde um vírus respiratório assolou a todos os países trazendo medos, angústias, aflições, perdas financeiras e pessoais, dentre outras inúmeras situações que não conseguiremos citar em tão pouco espaço. Contexto esse que merece uma reflexão à parte.

Dessa maneira, impedidos de um contato mais direto, mediante medidas sanitárias protetivas foi realizada uma entrevista semiestruturada através do Google Forms, ferramenta virtual que se fez muito importante, necessária e prática nos dias atuais.

#### 4. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DAS CONCEPÇÕES ÀS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS

Esta seção será dedicada à análise dos dados da pesquisa, no intuito de fazer o tratamento das narrativas das professoras colaboradoras entrelaçando às teorias priorizadas e mobilizadas neste estudo. Para tanto, três tópicos são aqui contemplados: o primeiro intitulado “Concepções de alfabetização e letramento sob o olhar das professoras”, o segundo “Práticas pedagógicas priorizadas no processo de aquisição da leitura e da escrita” e, por fim, o terceiro tópico que reflete sobre “Práticas de leitura e escrita e o processo de alfabetizar letrando”.

##### 4.1- CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS

Neste tópico será feita uma reflexão sobre as concepções de alfabetização e letramento das professoras pesquisadas; foi necessária uma escuta sensível, cuidadosa de modo a compreendermos as suas percepções conjugadas ao seu fazer pedagógico no cotidiano das classes de alfabetização. Para tanto, inicialmente, questionamos “qual a sua concepção sobre alfabetização?” E as narrativas foram bastante elucidativas possibilitando uma análise e articulação com as teorias, conforme pode ser observado a seguir:

*“Lu, minha querida, gostaria de pedir permissão para responder sobre a minha concepção de avaliação juntamente com o letramento. Sabe porquê? Porque ao meu ver ele ocorre de maneira inter-relacionada. Atualmente o processo de apropriação da leitura e da escrita (pelos estudantes) ocorre a partir de uma ação pedagógica intencional, ou seja, planejada por nós educadores, de forma que possa possibilitar o desenvolvimento dessas atividades de uso da leitura e da escrita em práticas sociais, no contexto social do aluno! Entendendo assim a real necessidade dele aprender a leitura e a escrita. Então alfabetizar hoje não é um processo mecânico, só decodificar o código alfabético: está muito além disso, de você saber fazer a leitura de mundo. (Rosa, 44 anos) ”.*

As narrativas das professoras entrevistadas evidenciam as suas concepções sobre alfabetização e letramento. Mesmo trazendo outros elementos, revelam que a compreendem a partir das suas práticas diárias. Assim será feita uma análise mais detalhada sobre suas falas, a fim de melhor compreender as suas percepções acerca destes dois processos.

A professora Rosa (44 anos) traz de forma simplificada a concepção de letramento e alfabetização enfatizando a necessidade deste processo estar interligado para que seja realizado de maneira efetiva. Em sua fala fica evidente a compreensão do letramento ditado por Soares (2010) através da compreensão de mundo e a necessidade de trazer esse mundo vivenciado pela criança para iniciar o processo de alfabetização. Assim, letramento e alfabetização estão interligados e são processos indissociáveis na construção desse processo.

Ramos (2009), também se faz presente de maneira intrínseca a partir do momento que a professora tem ciência da importância de porta de acesso a esse tipo de conhecimento sistematizado que a alfabetização traz. Seu papel é de extrema importância na promoção de um aprendizado gradativo e qualitativo. Já Margarida (2021) apresenta a seguinte narrativa:

*“A minha concepção, após ter atuado muito tempo na docência e na prática de alfabetização, é que a leitura, resumidamente, se dá a partir da capacidade da criança decodificar os sinais gráficos transformada em sons... enquanto que a escrita, essa mesma criança tem a capacidade de codificar os sons da fala, transformando em sinais gráficos, risos”. (Margarida, 54).*

Margarida (54 anos), relata a necessidade de um aprofundamento maior sobre sua compreensão entre os termos utilizados como letramento e alfabetização. Talvez por não ter realizado uma resposta de acordo a pergunta realizada, fez uma abordagem sobre dois termos que estão diretamente relacionados aos conceitos mencionados.

Defende a leitura enquanto processo de decodificação de sinais gráficos e a escrita na capacidade de codificar os sons da fala. Assim tendo uma

concepção muito restritiva a esse processo que é tão rico e complexo no campo experimental da construção da língua escrita.

É também significativo que nos seja tão familiar o termo *alfabetização*, que designa a ação de *alfabetizar*, de “ensinar a ler e a escrever”, e nos seja tão pouco familiar o termo *alfabetismo*, designando o “estado” ou a “condição” que assume aquele que aprende a ler a escrever. É ainda significativo que consideremos o termo alfabetizado, isto é, aquele que aprendeu a ler e a escrever, como o contrário do termo *analfabeto*, e que não tenhamos palavra para designar aquele que vive em estado de *alfabetismo*. (SOARES, 2017: 149).

O processo de letramento, ocorre na construção do processo de alfabetização. Ou seja, o letramento vem a partir das experiências e contextualizações experienciadas pela criança, através do mundo de leitura e escrita internalizada, enquanto que a alfabetização é a decodificação desses temas através de códigos linguísticos bem estruturados. Nessa esteira, Ferreiro destaca que:

[...] a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-ia pensar sobre o sistema de codificação e aprendizagem pelos novos usuários com um sistema de codificação. (FERREIRO, 1995, p. 2).

Ferreiro e Teberosky (1984) retrata bem esse processo de alfabetização por meio de um estudo amplo que marcou de forma significativa a história da alfabetização no Brasil por evidenciar uma nova forma de pensar a alfabetização a partir da ótica da criança e seu processo de construção da escrita. Nesse sentido, a professora Jasmim revela que sempre se pergunta ao iniciar o trabalho com a turma “*como começar a alfabetizar?*”. Esta e outras dúvidas estão postas nas narrativas da professora abaixo.

*“Então... muitas das vezes que chego no espaço escolar me pergunto nesse primeiro momento: como começar a alfabetizar? Esse é um dos questionamentos que eu faço pra mim mesma naquele ambiente e naquele chão da escola... porque? Porque são muitos os desafios que nós professores enfrentamos, e eu enquanto docente, encontrei e encontro nos espaços escolares e em sala de aula alunos do 3º ano, por exemplo, que não estão*

*alfabetizados. E alunos do 1º ano que vêm da educação infantil, que não conseguem acompanhar a turma com dificuldades em se comunicar. Então enquanto professora, permito que o aluno seja protagonista em sua formação. Disponibilizo para o aluno espaços para ele falar, se comunicar e experimentar. Tudo isso também faz parte das práticas pedagógicas essenciais para o desenvolvimento da fala. Trabalho também em grupo, com vídeos e jogos, incentivando o gostar de ler e a ter curiosidade". (Jasmim, 37 anos).*

A professora Jasmim (37 anos) relata suas dificuldades em sala de aula e sua constante persistência em trazer a leitura do mundo para as crianças no intuito de sanar as dificuldades trazidas por elas no decorrer do processo de alfabetização.

Alvarenga (et al 1989, p. 6) retrata muito bem essa percepção em seus estudos, pois a consequência das falhas no processo de alfabetização e letramento ocasionam altos índices de defasagem, onde muitas crianças passam seus anos iniciais sem conseguirem consolidar esse processo de alfabetização. "Ora, é justamente nesse primeiro passo, já que os altos índices de repetência se verificam na série que se inicia a aprendizagem da língua escrita"

Diante dessas três respostas pode-se afirmar que ainda existem muitos problemas relacionados ao processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais. As professoras enfrentam diversos tipos de situações. Porém, o que se faz necessário destacar neste momento é sobre o questionamento do início dos processos de alfabetização e letramento.

Segundo os estudos e reflexões realizados nesta pesquisa, é importante o professor fazer uma sondagem significativa do que o aluno já traz sobre os processos de aquisição da língua escrita e isso ocorre também através de um processo gradativo de letramento para se chegar definitivamente à alfabetização. São complementares e indissociáveis.

Para isso, a professora Jasmim relata também as metodologias que trazem um benefício dentro desse processo. Possui uma amplitude de ações que proporcionam uma melhor contextualização do aluno dentro da sala de aula e os objetivos que ela pretende atingir dentro do processo de alfabetização e

letramento, levando em consideração aquilo que a criança já traz antes mesmo de entrar na escola e fazendo com que esse processo seja mais tranquilo.

Depois de melhor compreendermos sobre as concepções de alfabetização e letramento das professoras, também questionamos: Em sua concepção, quais as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento? As respostas seguem abaixo, seguida de breve análise acerca das suas narrativas.

*“Com relação às semelhanças e diferenças entre alfabetização e letramento é importante que o professor alfabetizador tenha consciência que nos dias atuais não se alfabetiza sem letrar. Porque assim o domínio da leitura e da escrita dos alunos tendem a fazer sentido para a sua vida social, ou seja, a partir do momento que a gente trabalha com os alunos a questão das letras, das sílabas, das palavras e frases, aumentando a complexidade, precisamos relacionar com a vida do aluno, para que ele perceba que determinado conteúdo é importante, que saiba principalmente a função social daquilo que está sendo trabalhado e futuramente consiga se comunicar de diferentes formas. Assim compreendendo os diferentes meios de comunicação escrita, como um bilhete, uma receita e uma carta percebendo as diferenças e semelhanças. Eu vejo assim, não há como hoje em dia alfabetizar sem letrar”. (Rosa, 44 anos).*

*“Olha... a minha concepção sobre letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender indo além de aprender a ler e escrever. O letramento é todo o aparato que nós como professores usamos durante a alfabetização. Ele vai além da decodificação de códigos, onde o aluno precisa entender as palavras, os seus significados e os seus sentidos. Letrar é preparar a criança para diferentes momentos na aprendizagem. É usar essa habilidade em práticas sociais. Deixe-me pensar sobre as diferenças entre alfabetização e letramento... alfabetizar significa codificar e decodificar, que é o ler e o escrever, enquanto que letramento é o processo de inserção e participação na cultura escrita. As duas levarão a criança ao conhecimento e como usar essa prática nessa sociedade”. (Margarida, 54).*

As professoras compreendem as semelhanças e diferenças entre alfabetização e letramento, conforme pode ser observado. Deixam claro que utilizam a essência desses dois processos e que um não existe sem o outro, são similares e complementares. A forma de leitura do mundo vai além de interpretar códigos e signos linguísticos.

De acordo com Soares, *apud* Moraes e Albuquerque (2007, p.47):

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado”.

A professora Jasmim, traz novamente suas inquietações sobre as dificuldades encontradas em sala de aula e a procura de metodologias diferenciadas para o incentivo das práticas de leitura e escrita, trazendo o letramento com base em sua metodologia. Além disso, relata suas experiências com jogos e vivências das crianças.

Essas concepções/situações reforçam a ideia de Soares (2009), ao sugerir a criação de um ambiente rico e favorável de situações, com diferentes possibilidades visuais, como relata em sua resposta através de jogos e vivências das crianças. Outras possibilidades são também importantes, como criar um ambiente rico de informações visuais através de histórias, parlendas, rimas e diversos outros, trazendo o mundo da escrita para o convívio diário das crianças.

Dentro dessa perspectiva, as professoras entrevistadas também puderam trazer suas concepções a respeito da compreensão do processo de alfabetizar letrando. Observe o que elas trazem como reflexão:

*“O processo de alfabetizar letrando acontece à medida em que a criança se familiariza com o sistema de escrita e compreende que ela já sabe ler e escrever, mesmo que não domine as particularidades do funcionamento da escrita, a função das letras, formação de sílabas e a construção de palavras. Mas percebe que já traz consigo um conceito de leitura. A criança que passa por esse processo de letramento pega uma flor, por exemplo, e diz para você o nome da flor. Em um segundo momento ela percebe que flor começa com F, e em outro escreve ou identifica uma ou duas letras dessa mesma palavra. Assim, mesmo que ela não diga todas as letras da palavra flor, ela já está no processo e é importante se reconhecer como uma criança leitora. (Margarida, 54 anos).*

A narrativa de Margarida é bem elucidativa, sobretudo porque transcende a questão conceitual e traz o processo metodológico. Sua reflexão dialoga com o anunciado por Rojo (1998) que defende a concepção sobre o alfabetizar letrando, permitindo ao aluno criar hipóteses através de metodologias e objetivos bem definidos pelo professor. A primeira etapa desse procedimento é trazer esse processo através de recursos visuais, os mais diferenciados possíveis para o

desenvolvimento das potencialidades dos alunos na sua construção e aquisição do sistema de leitura e escrita.

Portanto, segundo Margarida, não importa se no primeiro momento a criança apresenta apenas o fonema inicial da palavra em questão, o importante é se fazer compreender e entender o processo individual de cada criança, suas conquistas e desafios.

Assim o aluno pode perceber seus progressos e dessa forma se incentivar, colocando-se disposto a uma nova etapa no seu processo de desenvolvimento.

#### 4.2- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRIORIZADAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Nesse tópico serão observadas as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras do município de Mutuípe no processo de aquisição da leitura e escrita, de modo a elucidar as ações que estão sendo realizadas e fazer um paralelo sobre os pesquisadores do assunto relacionados nessa pesquisa. Para tanto, foi questionado para as professoras pesquisadas: *Quais as práticas pedagógicas mobilizadas por você no processo de construção da leitura e da escrita das crianças? Descreva as principais.* As respostas foram bastante relevantes ao evidenciarem:

*“Bem, com relação às práticas pedagógicas mobilizadas e seus processos de construção e apropriação da leitura e da escrita tenho procurado adotar e fazer uso de práticas pedagógicas que se aproximem da teoria da pedagogia crítica que é adotada aqui pelo município, mas que principalmente possam contribuir com esse processo de alfabetização significativa para os estudantes que eu leciono. Um dos pontos primordiais é os professores adquirirem a consciência que quando o aluno chega nas classes de alfabetização, eles já sabem e sabem muito. Então cabe a nós, enquanto educadores procurar e identificar esses conhecimentos trazidos pelos alunos, fazer uma sondagem e a partir daí nortear o meu fazer pedagógico e ir avançando com novos conhecimentos científicos. Eu não posso deixar de ressaltar aqui a importância de trabalhar com a consciência fonológica com os estudantes. Essa relação entre letras e sons, o reconhecimento das sílabas a partir de jogos de textos que circulam no meio social, como, por exemplo, os quadrinhos que trazem palavras*

*que rimam, que interessam às crianças. Também trabalho com a produção de convites, receitas, listas, bilhetes, etc. Esse é um exemplo voltado à linguagem mas também é possível fazer um trabalho interdisciplinar, como por exemplo, a matemática. Acredito que são essas práticas pedagógicas que intensificam esse processo de construção e apropriação da leitura e da escrita. Hoje é comum encontrar nas salas de aula um cantinho de leitura, a roda de conversa e a mala viajante, onde o aluno leva um livro para casa, faz a leitura juntamente com a família ou a família lê para o aluno e faz um registro através da escrita ou desenho daquilo que mais chamou atenção. Procuro diversificar minhas metodologias para encantar os alunos nessa fase tão gostosa de se trabalhar, porque tudo é novidade, eles celebram e conquistam cada vitória, cada acerto. É gratificante estar juntos com os alunos construindo esse saber elaborado! ”. (Rosa, 44 anos).*

A narrativa de Margarida dialoga com o conceito de Mortatti (2006), que fala sobre a desmetodização da alfabetização causada, sobretudo, com a chegada do construtivismo e algumas concepções errôneas sobre o processo trazendo a criança como protagonista de seu próprio aprendizado e este por sua vez instigando o professor a trazer outros elementos através de sua intencionalidade educativa. No processo de construção da leitura e da escrita, o construtivismo traz a hipótese da criança construir seu aprendizado trazendo consigo experiências significativas de percepção visual e construções de letramento a partir de si mesma para depois entender o mundo que a cerca.

Nesse questionamento podemos perceber a interação e dedicação das professoras alfabetizadoras em suas práticas diárias. É fato que existe um grande abismo no processo de letramento e alfabetização, mas é inegável o empenho e dedicação por parte das professoras alfabetizadoras no processo de desenvolvimento e aquisição da língua escrita pelos seus alunos.

As práticas diárias se endossam e fazem a partir de um conhecimento prévio dos alunos aqui relacionados, a criança traz consigo suas vivências e situações relacionadas à prática escrita e essas devem ser levadas em consideração. As três professoras entrevistadas enfatizam a necessidade de uma sondagem e conhecimento mais aprofundado sobre o que o aluno já traz consigo quando chega em suas salas alfabetizadoras e através dessa sondagem são trazidas metodologias que acompanhem essa forma de "pensar e enxergar o mundo".

Diferentes ações e metodologias são lançadas para atrair e envolver os alunos, desde histórias em quadrinhos, livros, revistas, cantinho da leitura, contação de histórias, jogos linguísticos, vídeos, dentre outros. Uma infinidade de experiências, ricas e coerentes com as vivências dos alunos.

A professora Rosa (2021), destaca ainda a necessidade de trazer recursos visuais não somente nas salas de leitura e alfabetização, mas em todas as salas e processos educativos, como também, por exemplo, na sala de matemática, para que a criança perceba que ela é rodeada de recursos linguísticos e eles se fazem presentes em toda a nossa vida.

Nesse contexto existe a consciência de que o processo de letramento e alfabetização envolvem situações além sala de aula que interferem diretamente no aprendizado. A criança não é uma tábua rasa e já traz consigo conceitos e vivências que auxiliam ou prejudicam esse processo.

Outro questionamento importante para o aprofundamento dos conceitos e práticas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras são as dificuldades encontradas nos processos de construção da apropriação da leitura e escrita, sendo esse um dos pontos principais de reflexões diversas sobre o assunto. Vejamos o que nossas professoras entrevistadas trazem:

*“Com relação às maiores dificuldades encontradas no processo da apropriação da leitura e da escrita, acredito que seja o processo transitório da educação infantil para o ensino fundamental. Pude constatar que quando os alunos saem dessa etapa os direitos de aprendizagem da educação infantil ainda estão consolidados dificultando o processo. Percebo que as crianças chegam no ensino fundamental ainda com muita dificuldade no que diz respeito a coordenação motora fina, grossa, na questão da lateralidade e oralidade. Então isso tem prejudicado o processo de construção da língua escrita. Para se ter uma ideia, minha turma do ano passado tinha dificuldades até em participar de um jogo de amarelinha, coisa que na minha idade faziam facilmente. Não podemos deixar desconsiderar também que hoje as crianças estão muito voltadas para os recursos tecnológicos, poucos estão saindo para brincar, correr e pular corda. Isso tudo acaba também dificultando esse processo. Além disso, cito também os fatores externos à escola, como os fatores orgânicos. Trabalho em um bairro periférico e a questão da alimentação também interfere na alfabetização. Eu tinha um aluno que chegava na escola e que não tinha feito a primeira refeição apresentando dificuldades nos processos alfabéticos. A partir do momento que você conhece seus alunos, e tem um olhar sensível a essas questões, consegue perceber quando nosso*

*aluno não chega bem. A escola enquanto meio de desenvolvimento social desenvolve uma relação de respeito, de confiança, onde as crianças e até familiares se abrem e conversam sobre suas dificuldades. Fatores ambientais relacionados a família desestruturadas também interferem diretamente no nosso trabalho. As crianças chegam agitadas onde o nosso papel também é acolher para depois trazer o desenvolvimento do aprendizado estruturado. Um outro fator decorrente também de situações em que as famílias das crianças são desestruturadas refere-se à questão de não acreditar que a partir da educação se consegue transformar a realidade. Muitos pais de classes baixas não vêm mais expectativas de vida, então não conseguem passar para seus filhos a importância do acesso e permanência com qualidade nas salas de aula. Por conta disso as crianças acabam ficando limitadas apenas aos processos nas salas de aula, não há essa prioridade da família em refazer horários de estudo em casa, chegando com as atividades que foram para casa sem fazer. Essas são as maiores dificuldades que me recordo agora no momento para compartilhar. (Rosa, 44 anos).*

Esse relato da professora Rosa nos traz a realidade da sala de aula não somente no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento, mas de todo o sistema educacional público. São vários os fatores que interferem no processo de aprendizagem da leitura e escrita, e infelizmente os fatores intrínsecos estão presentes e interferem diretamente no desenvolvimento do aprendizado das crianças. Muitas famílias utilizam a escola como único meio de um ambiente adequado para a inserção e socialização de seus filhos e como meio de suprir necessidades básicas com a alimentação. O papel do professor, de modo geral, vai muito além de trazer práticas educativas, mas entender a sua demanda e as práticas sociais que ali existem para então traçar um plano que possa, de alguma forma, ter uma amplitude de seu trabalho, alinhando as necessidades sociais às necessidades educacionais.

Dessa maneira, é preciso primeiro compreender essas crianças, entender suas relações sociais para a partir disso, trabalhar sua leitura de mundo. De nada adianta, trazer um poema de Barros de Andrade, apesar de aqui também se tratar de uma ampliação de repertório, se eu não entendo que há muita demanda sem contato algum com poesia. O fato é que é necessário primeiro trazer as experiências dos alunos para a sala de aula, para posteriormente aprofundar os conteúdos e conceitos referentes à alfabetização.

Também traz à tona a lacuna que existe entre a educação infantil e o ensino fundamental, pois, acontece um grave equívoco na educação infantil que

se prende somente ao processo de educar brincando e não se atém ao conceito que educar brincando também pode envolver o processo de letramento.

O letramento deve estar presente nas salas de educação infantil como forma de aproximar as crianças aos conceitos e conteúdos que verão mais à frente, e através do seu próprio conhecimento, do conhecimento enquanto pessoa, que a criança vai compreender o mundo a sua volta. Dessa maneira, o processo de letramento deve ocorrer a partir do seu próprio nome, se reconhecer como pessoa única, criando infinitas possibilidades no decorrer de sua prática estudantil.

[...] justamente nesse sentido que intervenções pedagógicas devem ser pensadas na educação infantil. Desse modo, diversos portadores de textos devem ser colocados à disposição das crianças, visando desencadeadas suas interações iniciais com a linguagem escrita e instaurar prática de leitura compartilhada (FACCHINI, 2002, p.52).

Infelizmente, muitos não veem com bons olhos esse processo de letramento na educação infantil. Fato é que as crianças podem sim ter esse contato com a leitura e a escrita, desde que seja feito da maneira correta e para isso é necessário conhecimento. Se esse processo fosse adotado em todos os centros de educação infantil, essa lacuna não ficaria tão evidente e essas dificuldades talvez fossem amenizadas. Sobre as maiores dificuldades encontradas no processo de aquisição da língua escrita, as professoras Margarida e Jasmim destacam:

*“São várias as dificuldades encontradas, mas eu vou colocar aqui um dos maiores fatores que interferem nessa aprendizagem que é o cognitivo. Muitas vezes a criança tem essas dificuldades cognitivas (e eu tenho, vivido isso nestes últimos anos), onde o aluno precisa de um psicopedagogo. Marcamos a consulta, arrumamos tudo direitinho e a família se nega a levar sua criança. É uma ação que está além do professor. Outro aspecto é o comportamental. Alguns comportamentos da criança na sala de aula (vivenciei em 2019), uma situação muito difícil, ele agredia coleguinhas e chegou a me agredir por várias vezes... precisei até chamar o porteiro pra dar um reforço. Quando ele estava muito agitado na sala chorava tudo. Então uma grande dificuldade para o professor também é a questão da ausência da família nos processos formativos dos filhos. O professor não está ali apenas para dar aula, o conteúdo. Mas também para fazer cumprir o papel de pai e mãe (respirou) e tentar sanar algumas das dificuldades da criança. Por que a criança chega ali para*

*também encontrar no professor aquilo que ela não encontra em casa. Então o professor naquele momento não vai ser só professor não, precisa ser mãe, precisa ser médico, companheiro, conselheiro amigo... porque tem aqueles que precisam desabafar com o professor, porque às vezes não tem total intimidade em desabafar com a família. Para mim, essa é a maior dificuldade: a ausência da família nos processos formativos dos filhos com atividades extraclases". (Margarida, 54 anos).*

*"É realmente encontramos muitas dificuldades. Acredito que um alfabetizador precisa conhecer os diferentes componentes existentes nesse processo de alfabetização e letramento. Isso exige conhecer, por exemplo, o uso da escrita como prática social. Essas práticas são o uso de diversos textos que a criança precisa conhecer, de gênero textuais. Outra questão são os fundamentos dos sistemas da escrita, que são as relações do fonema e a grafema. Nesse ponto também estou falando sobre correção ortográfica que exige muito dessa questão da apropriação dos conceitos de vários gêneros textuais. Outra questão importante é relacionar a fala com a escrita, onde a criança escreve da maneira como ouve e fala. (Jasmim 34 anos).*

As narrativas das professoras nos convidam a pensar sobre as inúmeras situações que interferem no processo de alfabetização dos alunos no ensino fundamental. É importante destacar que as dificuldades estão muito além de simples processos cognitivos ou estruturais, passa por uma complexa teia de situações que vão desde os fisiológicos até os sociais.

Para Piaget (1984), os conhecimentos são inerentes de processos de desequilíbrio, equilíbrio e acomodação, dessa forma precisa existir um ambiente favorável para que isso decorra de maneira a gerar aprendizado. Porém, existem inúmeras situações que interferem diretamente nesse processo, os conhecimentos adquiridos também se mostram como fatores externos das relações com o ambiente. Por isso, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas professoras alfabetizadoras é a necessidade de apoio quando detectadas dificuldades de compreensão e aquisição do processo da língua escrita por parte do aluno. As famílias não conseguem dar um suporte, tampouco a equipe escolar, mas ainda assim as professoras sentem-se potentes em sua prática.

A seguir, será feita uma complementação a respeito dos processos de construção da língua escrita, partindo da perspectiva das práticas metodológicas que podem ou não favorecer o processo de alfabetizar letrando.

Nesse sentido, foi questionado às professoras: em sua concepção, as práticas utilizadas favorecem ou não o processo de alfabetizar letrando? Por quê?

*“Com certeza, as práticas utilizadas devem favorecer o processo de alfabetizar letrando. Desde quando o educador tenha domínio do que vai ensinar, ou seja, ele precisa conhecer, o que ele vai trabalhar com o aluno para que a partir daí, possa também ver a melhor maneira para o aluno aprender determinadas atividades. É indispensável que eu conheça o meu aluno e para isso acontecer, preciso sondar meu aluno, para identificar em que nível e de escrita ele se encontra, como está o seu processo de leitura, para a partir daí sim, criar ou elaborar a melhor metodologia, para trabalhar e favorecer com sucesso a alfabetização e o letramento. (Rosa, 44 anos).*

Existe uma unanimidade por parte das entrevistadas sobre o favorecimento das práticas utilizadas no processo de letramento e alfabetização a fim de alcançarem objetivos e conhecimentos predefinidos.

Mas como evidência, para que as professoras alfabetizadoras sigam com os resultados esperados é primordial que tenham pleno conhecimento sobre as concepções, teorias e ações. Ramos (2009) relata a necessidade da formação docente se adequar ao longo do tempo de escolarização, onde o aluno seja construtor de seu aprendizado. O docente precisa estar aberto a essas novas reflexões, trazendo como características principais a reflexão, conexão e compartilhamento pessoal e profissional. Ou seja, o professor deve buscar conhecimento a respeito de suas práticas, e aplicá-las de acordo com suas necessidades naquele período, tornando-se um ser persuasivo e reflexivo a fim de dominar essas práticas. O velho sistema de alfabetização hoje já não consegue atingir essa demanda de crianças em idade de alfabetização.

Outro questionamento importante se faz a seguir a respeito das práticas metodológicas utilizadas em salas de aula. Dessa forma, as professoras entrevistadas foram convidadas a refletir sobre seu trabalho e se estão tendo bons resultados nos processos de alfabetização e letramento.

*Em sua concepção o seu fazer pedagógico está contribuindo para alfabetização e letramento das crianças? Justifique:*

*“Olha... com relação a essa última questão, minha resposta é sim, trabalho com eles a leitura de mundo, trago mais aulas, vídeos, revistas, histórias mais com o objetivo maior, de estabelecer e firmar vínculos afetivo, com a leitura e a escrita, e com a realidade de mundo, eu venho a cada dia me esforçando para alcançar, né, essa meta, esse objetivo meu que é alfabetização e o letramento dessas crianças”. (Rosa, 44 anos).*

O fazer pedagógico se faz presente nas ações diárias de um professor consciente de seu papel, em especial um professor alfabetizador que inicia uma base de estudos sólida com seu aluno. De nada adianta trazer teorias se elas não forem relacionadas às práticas e essas se tornarem efetivas.

Barbosa (1994) enfatiza a ideia de que novas propostas pedagógicas se fazem através da ruptura de conceitos predeterminados e paradigmas, portanto, para se pensar em novas etapas alfabetizadoras ou sobre as existentes, se torna importante a compreensão de como as mesmas foram constituídas. O conhecimento por parte do professor alfabetizador de seus conceitos metodológicos se faz presente a todo instante.

O professor alfabetizador deve se valer de diferentes metodologias para alcançar esse aluno de modo a sanar as inúmeras deficiências ou dificuldades que possam surgir no meio do caminho. Para isso, é preciso conhecer a criança, em seu meio social e suas necessidades básicas. O letramento permite fazer essa interlocução entre a alfabetização, ambos são indissociáveis, porém complementares.

Assim, as práticas utilizadas pelas professoras alfabetizadoras que responderam a essa pesquisa revelam um conhecimento mais aprofundado dos elementos que competem nesse processo de alfabetização e letramento de modo a contribuir para a internalização e aprendizado. Porém existem casos em que as metodologias precisam ser ampliadas e modificadas para garantir maior aprendizagem do sistema de escrita e seus usos sociais, pois algumas vezes elas apenas conseguem fazer com que as crianças leiam e escrevam sem atingir a prática social do letramento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das reflexões aqui trazidas sobre os processos de letramento e alfabetização e as metodologias das professoras alfabetizadoras, podemos concluir que existe um grande caminho que já foi percorrido na desmistificação e construção do conceito desses dois processos. Diante do objetivo aqui proposto, pôde-se fazer uma linha de raciocínio desde os conceitos históricos que compreendem a alfabetização até os dias atuais.

Para as professoras alfabetizadoras, dentro de uma perspectiva de amostra de dados, o letramento e a alfabetização são processos distintos, continuados e indissociáveis. Assim, as metodologias aplicadas no chão da escola estão, em sua grande maioria, unindo o protagonismo do aluno, através da sondagem do seu conhecimento prévio para, a partir disso, trabalhar conceitos mais estruturados da língua escrita.

Difícil mesmo é trazer essa prática atingindo um número maior de alunos, pois mesmo com tantos meios e recursos de materiais, a defasagem continua e há uma grande quantidade de alunos em idade alfabética que ainda permanecem com dificuldades. Então aqui, existe uma lacuna. Dentro de uma perspectiva de estudos, reflexões e pesquisa de campo através da entrevista de uma pesquisa com professoras que possuem em sua prática a alfabetização de alunos, não se pôde concluir com eficácia quais fatores são determinantes para que esse processo seja efetivo.

O fato é que fica claro que por mais dedicadas que as professoras alfabetizadoras sejam e gostem do trabalho que desenvolvem, variando suas metodologias, é necessário, ainda, maior embasamento teórico aliado à sua prática, porque muitas vezes se confundem dentro desses conceitos e se perdem no processo de produção e construção de conhecimentos junto aos seus alunos.

Vários desafios são verificados, não somente ambientais, sobre aspectos de dificuldades cognitivas, mas algo muito maior. Evidencia-se aqui uma rede de fatores que interferem de forma significativa nesse processo.

De um lado, a perspectiva que defende a prática do aprendiz através da brincadeira e isso é um fato incontestável e a confusão que as professoras dessa

faixa etária fazem ao não proporcionar condições de letramento pensando dessa forma poderiam estar alfabetizando e agirem contrariamente aos que as normativas pedem. Do outro, as professoras do Ensino Fundamental, que tem como principal desafio o processo de letramento e alfabetização, ter em suas salas de aula crianças que não conseguem ao menos ter controle corporal trazendo uma defasagem de processos que são propostos e intensificados pelas professoras alfabetizadoras. Mas as professoras não possuem todas as respostas e por isso mesmo estas práticas são tão difíceis de serem efetivadas. Existem processos intrínsecos interligados a fatores sociais que também desfavorecem esses processos.

Além disso, as professoras e realidade de um apoio por parte da gestão pois se bem desamparadas nesse processo, tendo que lidar sozinhas com todas as dificuldades que aparecem e criar estratégias para contemplarem o máximo de alunos que puderem.

A conclusão que este estudo traz, mais do que uma resposta, é um convite a uma reflexão: o sistema de ensino, tal qual se apresenta, principalmente no que se refere aos processos de alfabetização e letramento, estão de acordo com o que os alunos esperam e necessitam? Creio que essa resposta só se dará mediante a um trabalho árduo, onde o que deve prevalecer são as inúmeras tentativas a favor de uma aprendizagem significativa, com mediação, estudos e amor pela profissão, assim como essas professoras nos relatam.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.p.16
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o Bá-Bé-Bi-Bo-Bu**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização & Lingüística**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar. Um diálogo entre a teoria e a prática**. 5a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.p.69
- CARVALHO, R. E. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.p.66
- CUNHA, N, H. S. **A brinquedoteca brasileira**. In: Santos, S.M.P. dos (org). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.2
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: História, características e modos de fazer de professores**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: <[http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2008%20Metodos\\_didaticas\\_alfabetizacao.pdf](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2008%20Metodos_didaticas_alfabetizacao.pdf)> Acesso em: 05 abril.2021.
- FERREIRO, Emília. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, v. 52, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzáles et.al, 24ª edição, São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2001.
- FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Trad. Diana Myrian Lichtenstein et all. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999. Reimpressão 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.p.43
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo. (Org.). **Desafios da pesquisa**. Franca: Ed. UNESP FHDSS, 2006. p.65
- KLEIMAN, B. Ângela. **Preciso ensinar Letramento? Não asta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2007, p.11
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história**. 2006. Ed. Cultura Acadêmica. Marília- SP, p.16
- \_\_\_\_\_. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876-1994. São Paulo: UNESP/INEP, 2011.
- RAMOS, Flávia Brocchetto; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Leitura de história em quadrinhos na sala de aula**. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Org). **Leitura literária na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.p.20.
- RCN, **Referencial curricular nacional para educação infantil**. 1998, p. 151:

- SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação. n. 25, p.14, jan./abr. 2013.
- ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento: Perspectivas Lingüísticas.** Mercado das letras. São Paulo. 1998
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto. 2006.
- \_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- \_\_\_\_\_. Alfabetização e letramento. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.11
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento / 6 de. 5ª reimpressão -** São Paulo: contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: contexto, 2016. 384p.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17. ed. São Paulo. Ática, 2003. p.14
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.p.32
- TRINDADE, I.M.F. **A Invenção de multiplas alfabetizações e (an) alfabetismo.** Educação e Realidade. Porto Alegre.v.29, n.2.p.137
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984
- WEISZ, T. **Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal resolvido.** In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. Ciclo Básico. São Paulo: SE/CENP, 1990.p.6

## APÊNDICE A



**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**PLANO DE TRABALHO**

**Orientanda:** LUCIANA BORGES SANTOS

**Orientador:** PROFESSORA MARIA EURÁCIA BARRETO DE ANDRADE

**Tema:** LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

**1. AGENDA DE TRABALHO**

<b>PRODUÇÕES</b>	<b>DATA</b>	<b>PRODUTO</b>
1ª Produção	OK	Sistematização do Projeto de Pesquisa
2ª. Produção	05/03	Sistematização do projeto na Introdução
3ª. Produção	05/03	<b>Conclusão da Fundamentação Teórica</b> Abordagem teórico-conceitual sobre a temática em estudo, considerando os pontos levantados
4ª. Produção		<b>Conclusão dos Caminhos Metodológicos</b> Destacar os caminhos metodológicos percorridos: descrever o tipo de pesquisa, abordagem, técnicas de recolha e interpretação dos dados, caracterização/descrição do <i>lôcus</i> da pesquisa, sujeitos envolvidos e todo caminho percorrido.
5ª Produção		<b>Conclusão da Análise e Interpretação dos dados</b> Análise e interpretação detalhada das informações recolhidas no campo empírico, respondendo aos objetivos específicos e questões da pesquisa.
6ª produção		<b>Considerações e Recomendações da Pesquisa</b> De posse de todos os dados interpretados, conclusão da pesquisa com os achados, respondendo ao objetivo e problema da pesquisa.
7ª. Produção		<b>Revisão Geral da Pesquisa</b> Revisar toda a redação, verificando as inconsistências tanto de ordem estrutural quanto ortografia.
8ª. Produção		<b>Avaliação do Trabalho Completo</b>

		Análise final e detalhada do trabalho completo pela orientadora
<b>9ª. Produção</b>		<b>Proposta Final</b> Versão Final a ser entregue aos membros da banca.
<b>10ª Produção</b>		<b>Apresentação do TCC</b> Data a ser agendada pela Universidade

## 2. PROPOSTA DE TRABALHO

### LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MOBILIZADAS PELAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

#### PROBLEMA DA PESQUISA

Quais as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento apresentadas por professoras alfabetizadoras, e quais práticas são mobilizadas por elas no processo de aquisição da leitura e escrita?

#### OBJETIVO GERAL

- ✓ Compreender as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento apresentadas por professoras alfabetizadoras e as práticas mobilizadas por elas no processo de aquisição da leitura e escrita.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Compreender os conceitos de alfabetização e letramento, suas semelhanças e diferenças no campo conceitual e metodológico;
- II. Identificar as concepções das professoras sobre alfabetização e letramento e sua articulação com os estudos priorizados;
- III. Conhecer as práticas pedagógicas priorizadas pelas professoras no processo de aquisição e apropriação da leitura e da escrita;

- IV. Verificar se as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras investigadas possibilitam/favorecem o processo de alfabetizar letrando.

## **ESTRUTURA DO TCC**

**ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS:** (capa, ficha catalográfica, termo de aprovação, dedicatória, agradecimento, epígrafe, resumo, abstract, lista de tabelas, lista de gráficos, lista de imagens, lista de quadros, lista de abreviaturas e sumário).

### **ELEMENTOS TEXTUAIS**

**INTRODUÇÃO:** Contextualização inicial, justificativa, planejamento do problema, pergunta geral, objetivos da pesquisa (geral e específicos), relevância (pessoal, profissional, acadêmica), principais bases teóricas, caminhos metodológicos e apresentação sumária do trabalho.

### **I – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITUAL**

1.1 COMPREENDENDO A ALFABETIZAÇÃO AO LONGO DOS TEMPOS: DA HISTÓRIA AOS PROCESSOS

1.2 COMPREENDENDO O LETRAMENTO: DO CONCEITUAL AO METODOLÓGICO

### **II – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CRUZAMENTOS E APROXIMAÇÕES**

2.1 LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E SUA ARTICULAÇÃO AOS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

2.2 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

### **III - CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

3.1 – CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

3.2 – ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

3.3 – PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

## **IV – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DAS CONCEPÇÕES ÀS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS**

5.1 – CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO SOB O OLHAR DAS PROFESSORAS

5.2 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRIORIZADAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

5.3 – PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **REFERÊNCIAS**

### **APÊNDICES**

### **REFERÊNCIAS**

FREIRE, P.; MACEDO, P.D. **A Alfabetização: Leitura da Palavra Leitura do Mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SOARES, M.. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

## APÊNDICES B



### **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Letramento e alfabetização: concepções e práticas pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Eurácia Barreto de Andrade

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Título da Pesquisa:** LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MOBILIZADA PELAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

**Pesquisadora:** Luciana Borges Santos

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Eurácia Barreto de Andrade

### **IDENTIFICAÇÃO DO PERFIL DAS PROFESSORAS**

**Nome Fictício sugerido:**

**Idade: Estado civil:**

**Cor:**

**Religião:**

**Tempo na docência:**

**Tempo como alfabetizadora:**

**Tem filhos? Se sim, quantos?**

**Gosta ou não da docência? Por quê?**

**Gosta ou não de alfabetizar? Por quê?**

**O que mais te cativa e inspira na docência alfabetizadora?**

**I. DADOS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DAS PROFESSORAS PESQUISADAS**

**Qual a sua concepção sobre alfabetização?**

**Qual a sua concepção sobre letramento?**

**Em sua concepção, quais as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento?**

**Qual a sua compreensão sobre o processo de alfabetizar letrando?**

**II. DADOS SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRIORIZADAS PELAS PROFESSORAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

**Quais as práticas pedagógicas mobilizadas por você no processo de construção da leitura e da escrita das crianças? Descreva as principais.**

**Quais as maiores dificuldades encontradas no processo de construção e apropriação da leitura e da escrita?**

**III. DADOS SOBRE A ARTICULAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO**

**Em sua concepção, as práticas utilizadas favorecem ou não o processo de alfabetizar letrando? Por quê?**

**Em sua concepção o seu fazer pedagógico está contribuindo para alfabetização e letramento das crianças? Justifique:**

*Muito obrigada pela colaboração nesta pesquisa!*

**APÊNDICE C****CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezados (as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: Letramento e Alfabetização: concepções e práticas pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras de minha responsabilidade, Luciana\_Borges Santos, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral compreender as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento apresentadas por professoras alfabetizadoras e as práticas mobilizadas por elas no processo de aquisição da língua escrita. O (s) procedimento (s) adotado (s) ser (ão) através de observação, entrevista e análise de documentos.

A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

**Aceite de Participação Voluntária**

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Amargosa - Bahia, 20 de Julho de 2021.

---

**Luciana Borges Santos**  
**Graduanda**

---

**Colaboradores Voluntários**

## APÊNDICE D



### **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL**

Prezado (a) Senhor (a):

Solicito sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado: Letramento e Alfabetização: concepções sobre as pedagógicas mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras, de minha responsabilidade, Luciana Borges Santos, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral: compreender as diferenças e semelhanças entre alfabetização e letramento apresentadas por professoras alfabetizadoras e as práticas mobilizadas por elas no processo de aquisição língua escrita. Para tanto, elegemos a metodologia de enfoque qualitativo, sendo o trabalho configurado como Estudo de Caso. Escolhemos como técnicas de coleta de dados a entrevista e a observação e análise de documentos.

A qualquer momento, os (as) senhores (as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano aos participantes, comprometo-me a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

